



Minha História na extensão 2021 3ª Edição

O projeto de extensão “Direito à poesia” propõe a realização de círculos de leitura de literatura e de oficinas de escrita com internos de instituições prisionais da cidade. Mediante a necessidade de isolamento social, em virtude da pandemia de Covid-19, ao longo do ano de 2020, o projeto foi recriado por meio de uma "oficina literária epistolar", ou seja, por meio de troca de cartas literárias. Caso não seja possível desenvolver a oficina presencialmente ainda em 2021, esse formato epistolar poderá ser retomado.

Essa proposta de ação surgiu com o objetivo de criar um espaço de amizade e de compartilhamento de leitura e escrita, no qual experiências significativas com a literatura tornem possível a abertura de janelas de liberdade em cada um de nós, ainda que sob condições de confinamento. Nas atividades desenvolvidas, existe um espaço disponível para refletir e falar, para estar em contato com outros mundos, com outras paisagens, para trabalhar a memória de si e o autorretrato, para, em suma, viver a língua como experimentação.

A professora Cristiane Checchia, coordenadora do projeto, é professora da UNILA desde o ano de 2014. Ela conta que, depois de tomar posse, mesmo antes de chegar a Foz do Iguaçu, já acompanhava as notícias da Universidade, o La Semana Unilera, os boletins informativos e as notícias no site. Isso fez com que ela conhecesse um convênio que estava sendo firmado entre a UNILA e a Secretaria de Justiça do estado, que era direcionado a desenvolver um projeto em prisões, para

realização de rodas de leitura, rodas de conversa sobre saúde e alimentação, cujo nome era “Projeto Ipê”.

Cristiane conta que, ao obter conhecimento do projeto, logo se interessou em participar da ação de extensão: *“ao chegar na UNILA, a gente sente imediatamente um chamado da extensão [...] quando eu vi essa notícia, pensei que gostaria de participar de algum jeito, até porque eu tinha uma grande preocupação pessoal. Naquele momento, eu era professora de história e, pela primeira vez, eu ia ser professora de literatura, coisa que eu sempre quis. Mas isso também me preocupava, porque, pela primeira vez, a literatura ia ser um trabalho para mim. Eu não queria, de repente, estar em uma máquina de produção de papers. Então, acho que teve um pouco dessas duas coisas e, também, o fato de eu vir para um curso que chama “Letras, Artes e Mediação Cultural”, que é um curso que não pensa as letras como a maioria dos cursos tradicionais de letras. Eu acho que, na UNILA, essa reflexão estava bem adiantada em relação a pensar literatura a partir da mediação cultural. Então, eu acredito que foram essas variáveis que foram reunindo-se para a ideia inicial do projeto direito à poesia”.*

Já em Foz do Iguaçu, trabalhando na UNILA, a docente relata que, quando procurou as colegas para saber sobre o projeto Ipê, descobriu que, por questões administrativas, ele não foi viabilizado. Foi uma pena, porém Cristiane lembra que pensou em não desistir da ideia, pois se não havia dado certo por meio de convênio, poderia dar certo através de projeto de extensão, uma vez que muitos estudantes tinham interesse em continuar. Assim surgiu o projeto “Direito à Poesia”



“A gente formalizou o projeto Direito à Poesia como ação de extensão e começamos a fazer um grupo de estudos, pois a gente não tinha ideia de como era trabalhar em presídio e com mediação de leitura. E, a partir do contato com a pedagoga no presídio feminino, a gente começou a fazer as primeiras entradas e sentimos as primeiras dificuldades. Era um projeto que tinha a dificuldade de ter uma regularidade, sempre muitos obstáculos, porque a gente ia lá desenvolver atividades e não podia entrar. Assim, foi um ano (2015) de aprendizado de alguns obstáculos. Acho que, no final de 2015/ início de 2016, conheci o Mário, que também ficou interessado e começou a participar com a gente e acho que ele deu um impulso fundamental para que

o projeto de fato continuasse, porque ele conseguiu uma inserção na penitenciária masculina, que foi onde a gente conseguiu de fato desenvolver com muito mais regularidade o projeto. Ele deu um grande passo para transformar a roda de leitura, também, em uma oficina de escrita. Além disso, vale ressaltar que, diante da pandemia do novo coronavírus, o projeto assumiu um novo formato e as reflexões que foram mobilizadas a partir dessa transição do projeto do presencial para uma oficina em forma de cartas foi bem importante pra gente também”.

O professor Mario Rene Rodriguez Torres, coordenador adjunto do projeto, conta que se interessou em fazer parte da equipe quando assistiu a uma apresentação da professora Cristiane sobre a ação. Ele logo se interessou e passou a fazer parte das atividades. Mário conhecia um agente penitenciário que, na época, fazia mestrado, estudando a Barragem de Itaipu e os trabalhadores. Apresentou o projeto a ele, que demonstrou muito interesse em ajudar na viabilização. Graças a essa iniciativa o projeto iniciou na penitenciária masculina e manteve bastante regularidade nas visitas. Além disso, Mário comenta a respeito de um livro, fruto do trabalho realizado no ano de 2020, durante o isolamento:

“Teremos um livro sobre presídios que tem uma reflexão escrita em conjunto. Esse trabalho de escrever em conjunto um texto acadêmico, além de ter escrito antes textos literários, foi uma experiência muito legal para todos nós. E, por outro lado, terminamos o ano passado criando uma caixinha com os textos que foram escritos nas trocas de cartas e com textos literários de pessoas conhecidas que usamos nas oficinas. Então, a materialização deste ano de trabalho em confinamento, terminou nesse livrinho, que criamos e levamos para a penitenciária para ser entregue aos participantes. Cada um receberá uma caixinha dessas, para que essa produção circule no próprio presídio. Isso foi algo muito importante que fizemos no ano passado. Esse ano, a partir do crescimento do projeto, estamos trabalhando muito em redes, com pessoas de outros lugares, de outras universidades que também desenvolvem trabalhos em presídios. Começamos um curso de extensão online que teve mais de 700 visualizações. Foi uma ampliação de redes com colegas que vale a pena destacar. Também fizemos parcerias com pessoas que não são, necessariamente, da academia, mas que também trabalharam em cárcere, por exemplo. Estamos fazendo parte de uma rede feminista anticarcerária da América-Latina, em que trocamos muitas experiências e



ideias de como se pode lutar pelo desencarceramento, principalmente das mulheres. Participam da rede pessoas do México, Equador, Chile e Argentina. Então, também é uma troca muito importante com essas pessoas”.

Anderson Alves dos Santos, foi bolsista do projeto no ano de 2019 e relata sua experiência a respeito do sentimento de pertencimento:

“Este é um projeto que trabalha com a literatura de uma forma bem especial e eu me sinto pertencente justamente porque a gente faz a mediação lá no cárcere, o



segundo pertencimento ou o sentimento de pertencimento que tenho em relação ao projeto é o público, eu realmente me vejo como o público alvo, aliás do sistema penal de modo geral, então eu me vejo como uma pessoa que estaria no cárcere talvez não fosse a educação, talvez não fosse a literatura eu me vejo como uma pessoa para ser socada no carrefour, eu me vejo como uma pessoa pra ser socada pela PM na rua. Então esse pertencimento a esse universo também me atraiu né a buscar a conhecer o trabalho da Checchia, conhecer o trabalho do Mario com direito à poesia. E acho que por último né é um projeto que me possibilitou me distanciar relativamente do ambiente mais fechado do curso de filosofia uma coisa mais teórica, mais abstrata, para algo mais prático e que é feito com carinho e pautado em princípios, como

princípios éticos que eu não consigo discordar, éticos e políticos como o que envolve toda a questão carcerária. Realmente, foi o projeto que possibilitou eu me sentir mais pertencente à UNILA, e até mesmo À universidade pública. A extensão realmente é fundamental”.

Jhenifer Rodrigues de Almeida, bolsista do projeto desde 2020, conta sua história com a poesia e com o interesse na poesia marginal, não romantizada. Ela relata que isso fez com que se identificasse com o projeto.

“A questão de trabalhar com as pessoas em privação de liberdade me chamou atenção e me sinto bastante realizada em vários sentidos, porque me emociona muito esse processo que a gente teve de trocar cartas o ano passado e as poesias que aí eu fui destravando também para voltar a escrever, porque as vezes eu fico pensando, eu falo - pô eu não escrevo academicamente como que eu vou escrever? Para quem eu escrevo? É pra mim? É para as pessoas ao meu redor que às vezes não entende uma outra linguagem? Então, de que forma a gente passa isso né!?! Eu acho esse projeto, desculpa a expressão, bem foda mesmo, e converso com outras pessoas que também acham muito interessante, muito importante e muito revolucionário”.



Layra Fabian Borba Rodrigues, também bolsista da ação de extensão, relata que resolveu se inscrever no projeto em função da temática estar relacionada com a iniciação científica que desenvolvia na época. Ela foi selecionada e iniciou suas atividades no grupo no ano de 2020, em meio à pandemia da COVID-19, por isso, toda atividade desenvolvida até o momento tem sido realizada de maneira virtual. Contudo, isso não a fez perder o brilho pelo projeto, ela lembra que:



“Desde pequena quando eu via nas aulas de português o gênero literário carta eu ficava pensando como era incrível enviar cartas para as pessoas e eu nunca tinha tido a oportunidade, até fazer parte desse projeto. Comecei a participar do projeto no primeiro semestre de 2020 e eu acho que uma das coisas de que eu mais gostei (e gosto) de participar do projeto, é que ele me permitiu ter uma outra visão das pessoas privadas de liberdade, porque, querendo ou não, a nossa sociedade acaba desumanizando muito as pessoas que estão presas, como se eles perdessem parte da sua humanidade. Trocar cartas com eles, ouvir as angústias e felicidades, querendo ou não é um pedacinho da vida dessas pessoas. Esse foi um processo muito importante pra mim porque me fez ter uma outra visão dessa realidade”.

Angélica Moreno Usaquin discente do curso de Letras, Artes e Mediação Cultural, desde o ano de 2018, começa a sua história contando que conheceu o projeto a partir de uma aula com a professora Cristiane. Ela ingressou no projeto no ano de 2019 como voluntária e esteve presente tanto nos presídios masculino quanto feminino.

“Foi como um mundo que se abria, um mundo de possibilidade, de novos conhecimentos que eu estava adquirindo, podendo unir teoria e prática, e com isso, conseguir entender o porquê estudei sobre os temas. Dessa maneira desenvolver essa questão relacionada com a literatura, que é uma relação lenta, mas progressiva, de paixão no projeto. Esse processo é mais de escrita e no ano passado, em meio a pandemia, estar em isolamento e ademais era uma constante, que era uma constante muito agradável. Já tínhamos falado entre nós como esse prazer amoroso, de esperar encontros, esperar as cartas que escrevemos e que íamos a responder, algo que me permitiu manter uma estabilidade. É mais nesse sentido, eu fiquei emocionada e no ano passado eu fui bolsista de extensão e esse ano estou participando como voluntária e pensando em um futuro. Todas essas experiências de poder compartilhar com nossos pares, são realmente importantes para poder entender e trocar sobre a desigualdade em que vivemos”.



Notícias sobre o projeto:

Em 2019 o grupo realizou o I Encontro sobre Poesia e Artes em Prisões - da perspectiva do anti-aprisionamento, que reuniu pesquisadores de várias áreas que se dedicam à questão carcerária, bem como artistas e educadores que desenvolvem projetos em distintas linguagens artísticas em prisões, com o objetivo de trocar experiências e aprofundar a reflexão teórica interdisciplinar e comparatista sobre o trabalho com as artes nos presídios. Confira os detalhes: <https://direitoapoesia5.wixsite.com/eispappa>

Canal do YouTube onde estão os vídeos de breves apresentações dos convidados do I Encontro sobre Poesia e Artes em Prisões, de 2019:
<https://www.youtube.com/channel/UCfBR8AUVINi4ipVuAxpwC5w>

Saiba mais sobre o DIREITO À POESIA:
<https://www.unila.edu.br/noticias/extensao-e-pesquisa-0>

Imagens do projeto:



Edição da antologia de textos produzida em oficina literária por cartas, realizada no segundo semestre de 2020



Edição da antologia organizada no ano de 2018, e apresentada na Feira do Livro